



A MULHER E A DEMOCRACIA DE NOSSOS TEMPOS

THE WOMAN AND DEMOCRACY OF OUR TIMES

LA FEMME ET LA DÉMOCRATIE DE NOS TEMPS

Tradução

Hannah Fernandes Abreu¹; Júlia Marinho Carvalho²; Rebeca
Freitas de Siqueira³; Samira Evelen de Passos⁴; Tainá Lelis Guterres
Ribeiro⁵

¹ Graduanda em Língua Francesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília.

² Graduanda em Filosofia pela Universidade de Brasília e Psicologia pela Universidade Católica de Brasília.

³ Graduanda em Língua Francesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília.

⁴ Graduanda em Língua Francesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília.

⁵ Graduanda em Língua Francesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília.

RESUMO: A tradução do texto *Defense de Louise Michel* (1883) realizada pelas integrantes do projeto de extensão “*Féministes avant l’heure*”, sob coordenação do professor Philippe Lacour, executado no âmbito do programa estratégico “*Mulheres e Meninas na ciência: o futuro é agora*”, com apoio do *Decanato de Extensão*, o *Decanato de Pesquisa e Inovação* e a *Secretaria de Direitos Humanos* da Universidade de Brasília, traz importantes contribuições ao entendimento do contexto revolucionário francês. Ao mergulhar no discurso proferido por *Louise Michel*, a tradução não apenas transmite suas palavras, mas também ressoa como um eco das vozes daquelas que aspiravam a uma sociedade mais justa e igualitária. Ancorada no cenário robusto da *Commune de Paris*, a tradução amplifica o papel crucial de *Michel* como figura feminina nesse contexto histórico, destacando sua coragem e visão em prol da liberdade.

Palavras-chave: Louise Michel. Comuna. Defesa. TraduXio.

ABSTRACT: The translation of *Louise Michel's Defense* (1883) carried out by the members of the “*Féministes avant l’heure*” extension project, under the coordination of Professor Philippe Lacour, executed within the strategic program “*Women and Girls in Science: the Future is Now*,” with support from the *Deanery of Extension*, the *Deanery of Research and Innovation*, and the *Human Rights Secretariat* of the University of Brasília, brings significant contributions to the understanding of the French revolutionary context. Delving into *Louise Michel's* speech, the translation not only conveys her words but also resonates as an echo of the voices of those aspiring to a fairer and more egalitarian society. Anchored in the robust setting of the *Commune de Paris*, the translation amplifies *Michel's* crucial role as a female figure in this historical context, highlighting her courage and vision for freedom.

Keywords: Louise Michel. Commune. Defence. TraduXio.



[TRADUÇÃO]

A MULHER E A DEMOCRACIA DE NOSSOS TEMPOS

CAPÍTULO I

Poder soberano, que o homem vê retroceder quando acredita agarrá-lo, você que inicialmente foi visto no relâmpago, na majestade da tempestade, colocado nos céus onde agora encontra apenas o vazio e os astros; você que, destinando a natureza a uma transformação contínua e poupando-se os trabalhos de cada dia, criou forças físicas, leis intangíveis ; você que concedeu aos homens necessidades físicas tão semelhantes, e necessidades morais tão diferentes, sem classificá-los na terra, permitindo-lhes uma hierarquia artificial; você que submete os dois sexos um ao outro, você que, no mundo moral e físico, parece estar submetido a uma necessidade como o homem, mas cujo pensamento fulgurante não nos deixa nenhuma dúvida, Espírito Supremo, é você que a sociedade invoca neste momento sob diferentes nomes.

Depois de longos trabalhos para se estabelecer em suas bases naturais, tendo derrubado líderes e deuses antiquados, ela olha ao seu redor, retorna à sua fonte e exige uma nova religião, um novo impulso para o espírito, uma nova hierarquia. As mulheres questionam se a delicadeza dos costumes não resultará em uma moral mais elevada; os homens procuram saber se, quando a antiga sociedade soube, em sua origem, dotar o talento, não ficaremos aquém dela com nossos passos rápidos. Acima da massa dos homens e das mulheres, há alguns homens e algumas mulheres, assim como, acima de todos eles, existem verdades e princípios que constituem a habilidade, a glória e a virtude da humanidade.

CAPÍTULO II

E você, Minerva! Filha de Júpiter, nascida de sua cabeça, que, ao contrário dos homens, não pode acusar as entranhas maternas onde os Hebreus encontravam a desculpa para sua fraqueza; Minerva, filha heroica e sábia, mãe de Atenas, deusa da guerra e da paz, nossos olhares lhe seguem no alto dos céus. A imaginação dos homens não a criou por capricho; mulheres ilustres lhe deram um lugar no Olimpo, e quando a antiguidade, renomada pela inteligência e justiça, deu à sabedoria a forma



e beleza de uma mulher, ela não achou que estava se enganando, e jamais teria consagrado a sabedoria por extravagância. Minerva, no meio das mulheres gregas escravizadas, tranquilizou esse pequeno número de mulheres ambiciosas que, adornando seus altares, uniam o espírito ao amor. Você lhes deu ousadia, acorrentando aos seus pés os heróis e filósofos. Armada da cabeça aos pés, você presenciou o casamento daquele chefe amável, famoso na guerra e na eloquência, quando ele se casou com a mulher mais realizada de que a história tenha guardado a memória. O poeta não encontrou igual, retratou você triunfante em batalhas com Marte, e por toda parte você obteve honras das quais Júpiter ficou com ciúmes. A Índia também lhe adorou, deusa da sabedoria e do conhecimento; e você ainda reina nas margens do Indo e do Ganges. A Ásia honrou a luz e a fecundidade; uma mulher representou a natureza poderosa; Bavani acalmou o ardor do Deus derramando água em sua cabeça e lhe ofereceu a taça do êxtase no monte Kailasa. Se Jeová parece sozinho, o incenso das profetisas queima em seus altares, e se seu filho nasceu de uma jovem tímida, imortal pela graça e sem poder, ao menos Maria, virgem e mãe, aparece sozinha com uma criança nos braços; nenhum homem a apoia, e ela toma de seu filho sua glória sagrada.

Como os povos representaram deuses à imagem dos homens, representaram também os deuses à imagem das mulheres; e quando ídolos mais grosseiros caíram, as deusas permaneceram de pé.

CAPÍTULO III

Será que as mulheres que souberam se isolar e resistir tinham em mente este tipo de superioridade feminina que as religiões revestiram de formas diferentes? Abalaram o preconceito, sim, abalaram! mas elas desejavam suportar a culpa vulgar? Se hoje uma mulher, carregando uma ideia, atribui mérito à sua ousadia, nos longos anos que a precederam, qual foi o destino das mulheres? Porque tinham espírito, porque sabiam amar um homem, para cumprir o seu destino; porque nenhum preconceito lhes baixou a cabeça, estas mulheres foram alvo de um desprezo distante, é verdade, mas grosseiro e estúpido. Ó vocês que defenderam a pátria, vocês que foram proscritos por terem agido bem; vocês que sofreram em tempos passados, vocês hoje que gemem e morrem nas masmorras e fortalezas da Áustria, nas minas da Sibéria; vocês, cujo infortúnio ilustre só encontrou lágrimas na Europa, vocês pelo menos encontraram lágrimas; mas as mulheres devotas e heroicas não encontraram nenhum. Se as mais intrépidas foram suficientemente consoladas pelo amor que é demasiado suficiente, quantas outras, mais tímidas, lamentaram os seus irmãos, os seus filhos, os seus amigos, que, sujeitos ao preconceito, as culpavam! Que vergonha essas mulheres tímidas encontraram em tudo! Galantes e frívolas, teriam sido perdoadas; honestas e sensíveis, elas foram vítimas. Estamos



a falar da França; mas num país vizinho, do outro lado deste braço de mar que separa dois povos tão diferentes, quão oprimidas são as mulheres!

Se uma delas, pela lei da natureza, recua de suas primeiras afeições equivocadas e assume um novo compromisso, essa mulher, separada de seus primeiros filhos, banida da sociedade, relegada ao seu lar, ainda vê refletida em suas filhas o que é chamado de sua culpa. Por ter sofrido em sua primeira união, obrigaram-na a sofrer para sempre, puniram-na em seus filhos: uma tortura terrível que uma moral ímpia usou em excesso. E aqui paremos nós, mulheres e mães, diante dessa ética perversa que levou tantas filhas infelizes a matar seus filhos. Existe um preconceito que poderia ter tido um resultado mais criminoso? As crianças já foram abandonadas, na Ásia elas ainda o são, na Índia, meninas são mortas. Mas aqui, é a mãe trêmula, derrotada, em sua força materna, a mãe, naquele momento terrível em que o útero se dilacera e fala uma linguagem tão grande, é a mãe que, em meio à tortura e ao enfraquecimento físico, em meio ao sangue que sinaliza para ela as altas operações da natureza, é a mãe que vai colocar sua mão incerta e fraca sobre essa criatura frágil e nova à qual Deus a uniu por laços sagrados e dolorosos. Fundadores das leis, envergonhem-se diante desse fato, e se, para recompensar essa mulher por seu infortúnio, vocês só encontraram a morte, procuremos no aperfeiçoamento dos costumes se há algo mais moral, mais humano, mais digno daquele inventou a maternidade e o parto. Vocês escolheram o ser mais sensível da criação, colocaram-no entre as paixões e a vergonha, assustaram-no no momento de um terrível e sublime mal físico, e se, em vez de ceder à natureza, ele cedeu à vergonha, vocês o mataram vergonhosamente.

Os escravos também conheceram as grandes desgraças; os religiosos foram martirizados: crimes, sob todos os pontos do céu, pareceram acusar a natureza; mas não exageramos nada: no primeiro e duro movimento do mundo, bem os seres foram quebrados.

Um pensamento brilhante está em toda parte e nos confunde; nós muitas vezes só o justificamos assumindo os mistérios; mas ele mede a nossa felicidade pelo preço que fazemos dele.

CAPÍTULO IV

Essa maternidade pela qual a mulher tinha um carinho, pela qual ela foi tão envergonhada, lhe é defendida e oposta a todo momento, como se nunca tivesse sido proibida: por isso, para a guerra, para a glória, nos opõem essa gravidez eterna, a qual se amarrou a vergonha. Não só parece que todas as mulheres dão à luz, mas que elas ainda estão sempre grávidas. Ora, na vila como na aldeia, a pequena propriedade mudou os costumes.



Admitiremos, além disso, o que se proclama: sim, o passado, a história, parecem provar a inferioridade da mulher. Sua facilidade em adotar um preconceito, a virtude estúpida com a qual ela se contentou por tanto tempo, depõem contra ela. Nenhuma nação manteve assim, contra seu próprio interesse, um princípio absurdo ao longo dos séculos. A maneira covarde e astuta como a mulher sacudiu o jugo ao se fazer passar por mestra, a pouca força e dignidade que ela mostrou para conquistar uma vida melhor, serão justamente criticadas. Esse sexo não produziu nada que o iguale ao homem; embora ações heroicas tenham mostrado seu valor, embora o cetro tenha sido firmemente segurado por suas mãos delicadas, embora o grito de sua dor tenha atravessado os séculos, nenhuma mulher, no entanto, pode ser comparada aos primeiros homens da história ou das letras. Rainhas, nenhuma igualou Alexandre; pensadoras, nenhuma permaneceu. Seus corpos, sua saúde frágil, sua fragilidade física se opõem a esses poderosos impulsos da vontade e da imaginação? Seria a posição inferior delas que impediu o pleno desenvolvimento de suas forças? E Sêmíramis não é comparável, em genialidade e guerra, aos maiores homens?

Apesar desta maternidade que se opõe a elas, é na ação que a mulher se destacou mais. Poucos dos escritos que saem de suas mãos são dignos de admiração. Mas como rainhas, guerreiras e líderes políticas, ela deixaram grandes exemplos: assim, as nações que chamaram as mulheres para o trono, encontraram muitas dignas do trono; os países que colocaram armas em suas mãos descobriram que elas são corajosas e destemidas; a Itália, que as testaram mais do que qualquer outro território, as viu se ilustrar [destacar] em diferentes gêneros, mais adequada a ação, onde o vigor da alma e do corpo é necessário, do que ao pensamento cultivado por tantos homens em uma vida sedentária. Isto é muito notável: sua fraqueza, que não os impede de portar uma espada, domar os cavalos, dominar um reino, negá-lhes a meditação, a linguagem, essas primeiras belezas que colocaram os pensadores acima de todos?

Se as mulheres disserem que o sentimento é igual a inteligência, que uma mãe supera os homens através de suas emoções, pedirei que essa mulher fale e que eu a ouça; porque se for uma sublimidade silenciosas, o mundo não pode saber nada sobre ela.

CAPÍTULO V

Se contemplarmos a vida dos homens, quantas dificuldades [trouxeram] para si mesmos! Que [in]feliz junção de talento e posição foi necessária para alguns! Os tempos favoráveis veem sozinhos nascer os homens. Para uns teria sido necessário [alcançar] um sucesso mais rápido; outros não tiveram, como Molière, para apoiá-los a amável corte, um rei cheio de bom gosto, vícios ridículos e hipócritas,



uma posição plebeia, hábitos nos palcos e bastidores; ou, como Napoleão e Cromwell, uma nação em revolução, a guerra, instituições derrubadas, a necessidade de ordem e autoridade. Ao ver o talento, sem dúvida, sua aparência, sua independência, poderíamos pensar que era filho apenas de Deus; mas a história nos prova que depende muito das circunstâncias: um certo horizonte desenvolveu o talento de um paisagista, a multidão de pintores e a amizade de Rafael fez Jules Romain; Maquiavel se instrui nos interesses complicados das repúblicas italianas; e as ciências, cultivadas em Paris, produzem Cuvier. Deste concurso de trabalhos, amigos e sucessos, o homem se beneficia; mas quando a mulher tem tudo contra ela, seria necessário que ela fosse superior ao homem mesmo para ir tão longe quanto ele. Pode-se encontrar em seu caminho algum homem de gênio que tenha conquistado o respeito e a fé de seus amigos, mas que permanecerá obscuro e morrerá desconhecido.

REFERÊNCIAS

ARLLAT DE MÉRITENS, Hortense. *La Femme et la démocratie de nos temps*. Paris: Palais Royal, 1836. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k855335>. Acesso em: 17 jul. 2023.

Outra tradução realizada pelo grupo

LACOUR, Philippe; FERNANDES ABREU, Hannah; MARINHO CARVALHO, Júlia; FREITAS DE SIQUEIRA, Rebeca; DE PASSOS BARBI, Samira Evelen; GUTERRES RIBEIRO, Tainá Lelis. DEFESA DE LOUISE MICHEL. *PÓLEMOS – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília*, v. 12, n. 26, p. 405–414, 2023. DOI: <https://doi.org/10.26512/pl.v12i26.52222>.